Porque as coisas certas acontecem na altura errada.

PRÓLOGO



— Dezoito! — exclamou Viv, fazendo girar o seu sabre numa curva plana que arrancou o crânio do espectro da sua espinha. Ela riu-se e enfiou o ombro contra o corpo dele antes de este poder começar a cair, estilhaçando ossos em todas as direções. Em mais dois passos, já tinha trazido a lâmina de volta num movimento ascendente, apanhando outro nas costelas. Lascas espalharam-se como pedaços de madeira a cair de um machado.

— Dezanove! — Ela sorriu de modo selvático, revelando as presas e avançando com passadas enormes.

Cada respiração cantava de modo puro e limpo nos seus pulmões, com os músculos a contraírem-se e a relaxarem num ritmo perfeito e o sangue a rugir-lhe nas veias. Ela tinha juventude, força e potência, e tinha a intenção de levar as três até onde fosse possível.

O exército de soldados macilentos e espectrais de Varine, a Pálida, amontoava-se entre os carvalhos, com os espectros ágeis apesar do seu ressecamento. Combatiam num silêncio imortal, com espadas curtas e lanças a avançarem em direção a Viv e ela desviava-se ou afastava-as estilhaçando-as, implacável como a maré.

Ela estava muito à frente do resto dos Corvos de Rackam a liderar a carga. Velhos cavalos de guerra, todos eles. Velhos e *lentos*. Eles tinham tentado manter o sangue novo na parte de trás, mas ela não fora feita para isso.

Algures mais à frente, a necromante esperava e Viv tinha intenções de a alcançar primeiro. Quando os mais atrasados a apanhassem finalmente, iriam encontrá-la com a sua lâmina em repouso e as suas vítimas num monte aos seus pés.

A sua contagem aumentava a cada golpe, enquanto ela girava o seu sabre em seu redor. Mesmo assim, ainda não era rápido o suficiente. Ela puxou do malho no seu cinto e atacou com ambas as mãos, esmagando e cortando as fileiras de esqueletos com martelo e espada. Os escudos deles eram esmagados, as suas cotas de malha rasgavam-se como papel e os seus crânios colapsavam como abóboras.

Gritos ásperos ecoaram atrás dela enquanto a equipa de Rackam lidava com o restolho que ela deixara atrás de si ou com os espectros que os tentavam flanquear. Alguém gritou para ela abrandar. Ela soltou uma gargalhada de desprezo.

E, então, a perna dela acendeu-se com um fogo frio que se tornou quente em meio segundo. Ela cambaleou e girou sobre o outro pé enquanto a cabeça ferrugenta de uma lança saía de uma grande ferida na sua coxa. A lança avançou de novo e ela observou incrédula quando esta desapareceu nas suas calças e entrou na carne da sua perna num corte paralelo perfeito. Então, o sangue saiu. Em grandes quantidades.

Ela rugiu, afastando a lança com uma pancada do seu malho e reforçando com um golpe ascendente do seu sabre que cortou o espectro ao meio. O seu elmo com cornos saltou em direção ao céu num rodopio absurdo. Viv ter-se-ia rido se não tivesse colapsado de agonia quando o seu peso se deslocou devido ao movimento. A sua perna ferida colapsou debaixo dela como um caule de milho.

De repente, ela estava caída de lado nas ervas e na lama, a sangrar por todo o lado.

Outra assombração esquelética assomou-se sobre ela, com espirais de luz azul a cintilarem nas suas órbitas vazias. Na sua testa, o símbolo de Varine brilhava luminoso — um diamante com ramos semelhantes a chifres. Ele ergueu um enorme escudo ferrugento no ar, preparando-se para fazer descer o gume num golpe esmagador. Os únicos sons eram o ranger dos seus tendões e as respirações esforçadas de Viv.

Ela apanhou a borda do escudo com o seu malho, empurrando-o para o lado, mas largou a arma. Lágrimas de dor desfocaram-lhe a visão. Viv não tinha conseguido desarmar a coisa, contudo. Implacável, a assombração ergueu mais uma vez o pedaço de metal. Desta vez, o ângulo não era o correto para ela mover o sabre entre ela e o gume descendente. Com descrença chocada, só pôde observar enquanto o aço descia em direção ao seu pescoço.

Um grito estridente, mas não seu.

Rackam embateu com o ombro contra a criatura. Enquanto o espectro tropeçava para trás, o anão obliterou a coisa com um único golpe da sua clava de bicos.

Ele olhou para ela e o esgar desapontado nos seus lábios fez com que a sua náusea duplicasse.

— Sua tola dum raio. Põe uma mão nisso. Fica quieta e tenta não morrer, se puderes.

Depois, ele desapareceu e Viv ficou sem fôlego de choque, enquanto os Corvos de Rackam passavam por ela numa linha de lâminas, arcos e fogo arcano que arrasou os inimigos à sua frente.

Eles desapareceram na névoa e ela ficou sozinha, a olhar com descrença enquanto a vida se esvaía da sua perna.

— Ainda connosco, hã?

Viv recuperou a consciência ainda grogue. Sentiu que ia ficar doente. Talvez já estivesse.

A primeira coisa que viu foram os olhos cor de pederneira de Rackam, a cintilar acima das tranças da sua barba grisalha. Viv abanou a cabeça e olhou em redor; os limites da sua visão pareciam estar esborratados com gordura. De alguma forma, ela encostara-se a um dos carvalhos. Aparentemente, também tivera a presença de espírito de rasgar a ponta da sua camisa e ligar a ferida com uma mão cheia de ervas. O pano estava encharcado e a terra por baixo era uma confusão de lama e sangue.

Perante essa visão, ela começou a perder a consciência e Rackam trouxe-a de volta com uma bofetada na face surpreendentemente gentil.

Ele suspirou e abanou a cabeça.

A batalha tinha terminado. Se a presença dele não tinha sido suficiente para lho indicar, então, o movimento sem pressas dos guerreiros por trás deles tê-lo-ia feito.

— Eu percebi quando te juntaste a nós. Tinha esperança de estar enganado, mas não, eu sabia que era isto que ia acontecer. Os mais novos são sempre mais tolos e a sabedoria precisa de sangue e tempo. — Ele desviou o olhar, como que para algum outro futuro possível e depois olhou novamente para ela. — Eu dou a cada novo candidato probabilidades iguais. Olho para as mãos e para os braços. Nada de cicatrizes? Então, a probabilidade de que a primeira que apanham os mata é igual à probabilidade de não os matar.

Com uma mão enluvada, ele deu-lhe uma palmadinha no seu enorme braço. Este tinha músculos salientes, mas uma pele impecável. Viv olhou para lá dele para a desgraça da sua perna.

Rackam levantou-se, mas, mesmo assim, ela não teve de erguer muito os olhos para encontrar os dele.

— Então, vai ser esta que te mata?

Viv engoliu a náusea e semicerrou os olhos, sentindo-se estúpida. Sentir-se estúpida fê-la sentir-se ressentida. E o ressentimento era apenas meio caminho para a raiva.

— Não — disse ela através de dentes cerrados.

Ele riu-se.

— Pois, não suponho que vá. Mas por agora, estás terminada.

Ela pestanejou.

— Apanhámo-la?

— Não. Ela nem sequer estava aqui, tanto quanto percebi. Isto foi apenas um problemazinho que ela nos arranjou. Vamos para norte. Vamos encontrá-la.

Viv esforçou-se para se pôr de pé contra o tronco usando a perna esquerda. A outra parecia estar demasiado grande e cada batida do seu coração era como uma pancada de um tambor sinistro através da perna.

— Quando é que partimos?

— Partimos? Como eu disse, tu estás acabada por agora. Disseram-me que são apenas alguns quilómetros até uma cidade na costa. Vou mandar-te nessa direção. Vais curar-te e nós passaremos por lá quando terminarmos. Se ainda estiveres por lá e capaz quando passarmos, aceitamos-te de novo. Serão algumas semanas, provavelmente. Se te tiveres ido embora quando aparecermos…? — Ele encolheu os ombros. — Não é uma vergonha chamarmos a isto o fim.

— Mas…

— Está feito, miúda. Sobreviveste a um erro estúpido hoje. Se queres cometer outro logo a seguir, bem… — O olhar dele era duro. — Queres que te diga as probabilidades disso?

Mas Viv não era um ogre estúpido, portanto, calou-se.

1



Viv estava deitada no chão do pequeno quarto. Bem, quase no chão. O sítio não tinha sido construído a pensar em ogres e a cama era pelo menos meio metro demasiado curta. Alguém tinha posto o colchão de palha no chão e embora as pernas dela ultrapassassem a ponta, a sua mochila tinha sido colocada de modo que o pé ficasse apoiado e a perna ferida elevada.

Doía como os oito infernos.

Ela apanhara uma febre enquanto seguia a baloiçar numa liteira puxada por uma mula, tossindo devido a todo o pó que aquela levantava. O qual era *muito*.

Viv devia ter estado de cama durante dois dias, perdendo e recuperando a consciência, numa confusão de sonhos circulares e uma agonia pulsante. O cirurgião tinha aparecido várias vezes. Ou talvez não tivesse vindo e ela estivesse apenas a alucinar vezes sem conta. Lembrava-se vagamente da cara do homem, misturada com uma vergonha que não conseguia identificar.

Agora, a cabeça dela estava desanuviada. O que significava que ela também conseguia *sentir* tudo com completa clareza. Era uma melhoria discutível.

E, acima de tudo, ela estava absolutamente esfomeada.

Viv olhou em redor do quarto. O local estava bastante despojado, havia uma cama tosca e uma mesa minúscula com uma lanterna e uma bacia em cima. Madeira cinzenta crua compunha as paredes. Uma pequena janela de ripas. Ela sentia o cheiro a mar, a erva da praia seca e a peixe. Um pequeno baú de marinheiro estava do outro lado. O seu sabre estava apoiado contra ele, ao lado de uma muleta tosca de madeira. O seu malho tinha desaparecido. Não havia muito mais que valesse a pena considerar.

O edifício estava absolutamente silencioso. Os únicos sons vinham do exterior — o assobio da erva, o ronco longínquo das ondas e o chamamento ocasional de um pássaro marinho.

Viv estava lúcida há menos de uma hora e pensou que a vista era capaz de a deixar doida se tivesse de aguentar outra hora.

A sua perna estava embrulhada numa ligadura limpa e com talas para que o joelho não dobrasse. A perna das suas calças tinha sido cortada. As ligaduras mostravam alguma descoloração onde os fluidos tinham trespassado, mas eram uma grande melhoria em relação a ervas e uma camisa de lã suja.

— Bem — disse ela. — Merda.

Pôs-se de pé em incrementos, erguendo o rabo da cama e inspirando através dos dentes enquanto girava a sua perna ferida. A sua bota esquerda servia, mas o pé direito estava tão inchado que teria de ficar descalço. Oscilando, ela conseguiu chegar à bacia de água tépida, onde se esfregou o melhor que pôde com o pano que encontrou ali. Sentindo-se menos nojenta, coxeou até à porta, mas cada baque do seu calcanhar no chão fazia os limites da sua visão pulsarem em preto. Cerrando os dentes, ela mudou de direção e, a contragosto, agarrou a muleta.

Sentiu-se irritada por ter de admitir que era muito melhor assim.

Já que ali estava, colocou o seu sabre no cinto por puro hábito.

Infelizmente, descobriu que o quarto ficava no cimo de um lanço de escadas estreitas. Desceu o melhor que pôde, sustendo-se passo sim, passo não com a muleta. O sabre não fez nada para tornar as coisas mais fáceis. A cada impacto, ela encontrava um novo epíteto mais

colorido para Rackam. Não que a culpa fosse dele, claro. Ainda assim, era muito mais satisfatório amaldiçoar o nome de alguém, mesmo que esse nome devesse ser o dela.

Conseguia sentir o odor fantasma do *bacon* enquanto descia, o que era um incentivo bastante para continuar.

As escadas davam para uma zona de jantar comprida feita de madeira tosca numa estalagem ou taberna, ou o que quer que lhe chamassem por estas partes. Uma grande lareira de pedra encolhia-se fria ao longo de uma parede, bocejando como uma boca desapontada. Um candeeiro de ferro pendia torto, coberto por cera de velas. Boias de vidro e candeeiros de petróleo estavam pendurados ou presos nas traves do teto, ao lado de redes e remos usados com nomes gravados. A mão-cheia de mesas riscadas estava desocupada.

Um balcão comprido percorria a parede de trás e o taberneiro estava encostado nele, a limpar descontraidamente uma caneca de cobre. Parecia tão aborrecido como o lugar justificava. O queixo do duende-do-mar alto era grisalho e encrespado. O seu nariz era uma machadinha, o seu cabelo algas pendentes e espessas, que lhe desciam abaixo das orelhas pontiagudas, e os seus antebraços estavam cobertos de tatuagens.

— Bom dia, menina — ribombou ele. — Pequeno-almoço?

Viv não se conseguia lembrar de alguém *alguma vez* lhe ter chamado *menina*.

O olhar dele passou rapidamente por ela e as suas sobrancelhas ergueram-se quando viu o sabre, voltando depois à caneca que polia.

— *Bacon*? — perguntou Viv.

Ele acenou com a cabeça.

— Ovos também? Batatas?

O estômago dela rosnou agressivamente.

— Sim.

— Cinco cobres deve dar.

Ela apalpou o cinto em busca da bolsa, olhou para as escadas e praguejou.

— Trago-as da próxima vez. No pior caso, subo aquelas escadas eu mesma.

O homem sorriu de modo irónico.

— Acho que não era capaz de correr mais do que eu, pois não? É melhor sentar-se num desse bancos enquanto ainda pode.

Viv estava tão habituada a que a sua existência fosse uma ameaça óbvia que sinceramente foi surpreendente ouvir uma piada descontraída à sua custa, ainda que uma tão leve. Supôs que saltitar numa perna só tendia a amortecer a capacidade de inspirar medo de uma pessoa.

Enquanto ela realizava a manobra sugerida, ele desapareceu na parte de trás do estabelecimento. Viv arrastou outro banco para perto de modo que apoiasse o pé descalço nos seus suportes inferiores.

Tamborilando com os dedos no balcão, tentou distrair-se estudando um pouco mais o interior, mas não havia *muito* mais digno de nota. Os sons e cheiros vindos da parte de trás eram tudo em que a sua mente conseguia pensar.

Quando o taberneiro trouxe uma frigideira e a colocou no balcão, juntamente com um garfo e um guardanapo, ela quase agarrou a pega quente com as mãos nuas na sua pressa de a puxar para si. A fritura de batatas, porco gordo e estaladiço e dois ovos com a gema a escorrer ainda estavam a fervilhar e a estalar. Ela quase explodiu em lágrimas de alegria.

Viv apanhou-o no outro lado do bar a vê-la devorar a comida e tentou abrandar, mas as batatas com o ovo eram salgadas e saborosas e era difícil não enfiar tudo na boca sem pausas. Os sons que ela fez enquanto comia não eram educados, mas eram sem dúvida sinceros.

— Sente-se melhor? — perguntou o duende-do-mar enquanto retirava a frigideira vazia do balcão.

— Pelos deuses, sim. E obrigada. Hum, chamo-me Viv.

O sorriso irónico surgiu de novo.

— Ouvi o nome quando chegou. Já nos conhecemos, mas não me surpreende que não se lembre. Não com toda a confusão.

Ela não se *lembrava* da confusão, mas o tom divertido dele fê-la pensar.

— Então, os Corvos pagaram a minha estada?

— Eu esperava ver o Rackam — disse o taberneiro. — Ainda assim, o tipo que ele mandou para a instalar era praticamente um cavalheiro.

Pagou quatro dias. Disse que a Viv poderia pagar depois disso. Chamo-me Brand.

Ele estendeu uma mão e ela apertou-a. Ambos tinham apertos fortes.

— De volta à calma, então? — perguntou ele.

— Caramba, não. Eu ficaria maluca. Hum. Onde é que *estou*, exatamente?

O sorriso irónico dele tornou-se completamente divertido.

— Deixe-me ser o primeiro a dar-lhe as boas-vindas a Murk, joia da costa oeste! Uma muito *pequena* parte da costa oeste. E isto aqui é O Poleiro, a minha casa.

— Parece tudo muito sossegado por aqui. — Ela quase disse *depressivamente* sossegado.

— Temos os nossos momentos de agitação quando os barcos chegam. Mas se procura descansar e recuperar, na maior parte dos dias não vai ser incomodada pelo ruído.

Ela acenou com a cabeça e pôs-se de pé sobre o pé bom, colocando a muleta novamente debaixo do braço.

— Bem, mais uma vez obrigada. Acho que o vou ver bastante.

Com comida quente na barriga, Viv sentiu-se mais ela própria. Agora, a ideia de coxear pela pequena cidade era bastante mais atraente do que uns minutos antes. Ela bateu com os nós dos dedos no balcão.

— Acho que vou ver as vistas.

— Até daqui a dez minutos, então — disse Brand.

Viv riu-se, mas teve de o forçar.

2



Enquanto descia do alpendre, agarrando um dos pilares para se equilibrar, Viv olhou para trás. Um sinal desgastado pendia por baixo da cobertura de telhas, revelando um peixe entalhado de modo indiferente com O POLEIRO gravado por cima e envernizado a escuro.

Uma ligeira brisa marinha puxou-lhe os caracóis para a cara e ela olhou para o que conseguia observar de Murk.

O oceano era visível em três quartos do horizonte, até ser obscurecido por um penhasco de calcário alto a norte. Ela conseguia discernir os traços ligeiros de algumas estruturas pequenas e vedações, não o suficiente para identificar o seu propósito. Dunas cresciam desde a costa em ondas aplanadas, com franjas de ervas marinhas no topo.

Uma velha fortaleza de pedra rodeava a maior parte de Murk, subindo pela colina com a cidade aninhada no seu interior. O Poleiro não estava dentro do seu círculo protetor, mas sim numa encosta arenosa junto à estrada que seguia para sul, proporcionando uma vista dos baluartes.

Fora das muralhas e mais perto d'O Poleiro, longas fileiras de edifícios estreitos curvavam-se em arcos cada vez mais pequenos em direção à praia. As suas laterais de ripas estavam descoradas num tom de cinzento-pérola pelo sol e pela névoa salgada, cintilando como prata na luz do fim da manhã. Passadiços desnivelados ligavam-nos uns aos

outros e velhas estradas mal cobertas de pedras serpenteavam por entre eles, cobertas de areia em certas partes.

Quatro longos pontões estendiam-se para o mar, apinhados com caixotes e equipamentos. Barcos de pesca mordiscavam os pilares como peixinhos em busca de pão, enquanto barcos maiores percorriam as águas mais além. Algumas figuras minúsculas moviam-se nos pontões e os seus chamamentos sumidos ressoavam sobre a água.

Toda a cidade parecia meio adormecida. Ela duvidava que alguma vez acordasse.

Uma sensação súbita e poderosa de ter sido deixada para trás envolveu Viv. Rackam tinha-a largado nestas terras esquecidas e ela sentiu uma certeza louca, bem fundo dentro de si, de que ele nunca planeara voltar a este sítio. Era tudo uma desculpa conveniente para se ver livre de uma miúda rebelde.

Cerrou os dentes e obrigou esse sentimento a voltar para trás, para o escuro.

Enquanto Viv coxeava para fora da sombra, o peso total do sol caiu sobre ela. Ainda não era meio-dia, mas quase. Ela fechou os olhos e absorveu o sol por um momento, tentando desfrutar do calor na sua pele.

Inspirando uma grande golfada de ar do mar, ela expirou devagar.

— Bem — disse para si mesma. — Vamos a isto.

Percorrer a calçada com a muleta era difícil, mas ela ficou contente por as pedras estarem ali, porque apenas a areia teria sido muito pior. O seu progresso era glacial, mas metódico, e a sua axila já estava a arder devido à muleta pouco familiar. Teria de a enrolar em alguma coisa até se poder livrar completamente do raio da coisa.

A estrada tinha uma inclinação descendente, ainda que ligeira, o que era uma bênção. As gaivotas nas dunas em ambos os lados da estrada pareciam sobressaltadas.

Surpreendentemente, a primeira pessoa que Viv viu foi outro ogre. Ele avançava com impassividade na direção dela, arrastando uma carroça atrás de si com os varais presos debaixo dos braços. Tinha o peito e a cabeça nus e os ombros marcados por velhas cicatrizes. Fardos de madeira solta e gravetos partidos estavam arrumados na carroça.

— Bom dia — disse ela, fazendo uma saudação a brincar com a mão desocupada.

Ele acenou com a cabeça enquanto passava, desviando brevemente os olhos para a espada de Viv e ela parou para o ver passar. Ele não olhou para trás, o que a vexou por alguma razão.

Os primeiros edifícios que ela alcançou eram uma série de lojas que conduziam à praia, onde uma rede de passarelas de madeira tornava a areia mais navegável.

Viv subiu para o passadiço que ligava as lojas. Cada impacto da sua muleta na madeira raspada pelo sal era como o som de um casco.

Quase todas as lojas eram altas e estreitas e pareciam estar a inclinar-se para longe da brisa que vinha do oceano. De perto, as ripas e as telhas estavam cheias de lascas.

As primeiras lojas estavam fechadas. Permanentemente, a julgar pelo vidro estalado com lonas e papel pendurados por dentro. Depois, havia uma espécie de livraria. Através de um par de janelas estreitas, ela viu pilhas caóticas de livros, mapas e tralha variada. Quase conseguia *ver* o cheio a mofo. A porta tinha sido vermelha em tempos, mas agora era apenas a memória de uma cor.

Uma pequena placa à esquerda dizia LIVREIROS PIOLHO DE CARDO.

Viv abanou a cabeça e continuou, coxeando.

Um remendador de velas. Depois, uma loja de tralha cheia de conchas, bolachas-do-mar, boias de vidro e destroços náuticos. Viv não conseguia imaginar porque é que alguém poderia querer aquilo.

Ela apanhou um odor a bolos na brisa, que atravessava os odores pungentes a salmoura e algas. Sem surpresa, já estava novamente com fome. Apesar do esforço de se deslocar e das exigências de um corpo em recuperação, Viv ardia de calor e o seu pequeno-almoço tardio estava quase consumido na fornalha da sua barriga.

No final desta faixa de lojas encontrava-se o primeiro verdadeiro sinal de vida que ela via, a menos que se contasse com o ogre impassível a arrastar lenha. O que ela não contava.

Este local tinha pelo menos o dobro da largura dos outros, com duas chaminés a soprar e pessoas a entrar e a sair. PADARIA CANÇÃO DO MAR

estava pintado no vidro e as letras pareciam bem desenhadas e pintadas recentemente. Não que fosse preciso mais do que o nariz para uma pessoa saber do que a loja tratava.

Cestos entretecidos cheios de grandes pães redondos, pãezinhos e biscoitos eram visíveis através da janela. Uma sineta sobre a porta tilintou quando um anão com a passada de um marinheiro saiu, a enfiar o resto de alguma coisa na boca.

Viv espreitou lá para dentro por um instante, amaldiçoando-se mais uma vez por ter deixado a bolsa no quarto. Os enormes biscoitos folhados prometiam exceder as elevadas expetativas que os cheiros já tinham estabelecido. Ela limpou os lábios com as costas do antebraço e virou-se com relutância para se ir embora.

O pai tinha-lhe dito sempre que a fome podia ser curada com suor, de uma forma ou de outra. Ela começou a atravessar a estrada varrida de areia, coxeando com determinação. A maior parte dos edifícios no outro lado pareciam ser residências, ou talvez alojamentos de veraneantes. Não parecia haver ninguém por ali, no entanto.

Uma longa trave para atar animais percorria um dos lados da rua, o que servia para o que ela queria.

Viv passara vários dias deitada e o seu corpo fez questão de lho fazer sentir. Ela não ia fazer corridas em breve, mas uma pessoa não podia esperar manter-se viva a manusear aço se não se mantivesse em boa forma.

Apoiando a muleta e o sabre de um lado, ela passou cuidadosamente por baixo da trave, segurando-se a ela por cima da cabeça. Esticou as pernas para a rua, estremecendo quando a dor lhe subiu pela coxa direita.

Baixou-se até os cotovelos quase trancarem e depois puxou-se para cima uma e outra vez, sentindo o calor a crescer nas suas costas, peito e braços. A dor na sua perna flutuou para o topo da sua mente.

Quando os bíceps começaram a tremer com o esforço e o suor lhe desceu pelas têmporas, ela baixou-se até se sentar, puxando o calcanhar da perna esquerda para debaixo de si e deixando a sua respiração sair pesada e compassada.

O ogre com a carroça de lenha estava a olhar para ela, parado no seu regresso monte abaixo. A sua carroça estava bastante mais vazia agora. Uma variedade de ferramentas gastas pendia de ganchos ao longo dos taipais — um malho, um martelo, um machado e uma serra.

Viv semicerrou os olhos para ele.

— Para onde é que estás a olhar?

Ele encolheu os ombros e, quando respondeu, a sua voz soou profunda, mas surpreendentemente melodiosa.

— Voltaste à ação bastante depressa.

— Também te conheci quando cheguei aqui?

Ele encolheu novamente os ombros.

— Não se passa muito por aqui na maior parte dos dias. É difícil não notarmos quando acontece alguma coisa entusiasmante. E foi bastante entusiasmante. — A sombra de um sorriso. — Quase estrangulaste o Highlark.

— O Highlark?

— O cirurgião.

— Oh — respondeu ela estremecendo. Bem, isso não era ideal.

— Pitts — disse ele, indicando-se a si mesmo. Depois, baixou a cabeça, levantou mais os varais e puxou a carroça para a pôr em movimento. Não esperou que ela dissesse o seu nome.

Ela achou isso vagamente irritante.

— Viv! — gritou atrás dele. Ele apenas acenou sem olhar para trás. — Oito infernos — disse Viv. — Excelente cidade. Dá para ver porque é que toda a gente fica.

Ela esforçou-se por se pôr de pé. Pegando na muleta e no sabre, foi até à outra ponta do passadiço, desaparecendo num vale entre duas dunas.

Não conseguia ver a água, o vento ficara completamente interrompido e a quietude irritou-a tanto que ela atirou a muleta para a areia e coxeou até ao topo da duna, sibilando de dor o tempo todo.

A brisa lá em cima era mais doce e ela deu à sua respiração um minuto para se acalmar antes de desembainhar o sabre. Viv tentou executar alguns movimentos de espada, mantendo o peso principalmente

na perna sã. Esperava conseguir, pelo menos, alguns conjuntos de transições de alto para baixo para finta, concentrando-se na precisão e no trabalho da parte superior do corpo, mas era uma causa perdida. A sua perna de ataque moveu-se subitamente e, quando ela recuou, o peso da lâmina forçou-a a usar o calcanhar fraco e ela acabou a rebolar numa pluma de areia e palavrões.

Cinco minutos depois da sua queda embaraçosa pela duna, ela chegou a cambalear à estrada principal. Furiosa, frustrada e extremamente ciente da mistura de areia e suor dentro da sua camisa, começou a difícil caminhada colina acima em direção a O Poleiro. A inclinação suave era uma dificuldade maior do que tinha o direito de ser e tudo pelo que ela podia esperar no final era uma estalagem vazia, um quarto vazio e um grupo de escadas muito estreitas.

Ela devia estar ombro a ombro com os Corvos. Devia estar a lutar para se aproximar de Varine.

Devia estar em qualquer lado menos aqui.

Com a maior parte da sua atenção fixa na calçada coberta de areia e no local onde colocar a muleta a seguir, ela sobressaltou-se quando uma sombra apareceu à sua frente.

Olhando para cima, deu por si a fitar os olhos rasgados de serpente de uma tapenti. A mulher não era tão alta como Viv — poucas pessoas o eram —, mas, posicionada mais acima na encosta, Viv tinha de erguer os olhos para ela.

Ou talvez fosse apenas uma sensação.

A mulher tinha uma constituição forte e os padrões delicados da sua pele pareciam esculpidos sobre ombros e pernas musculados. As suas abas escamosas alargavam-se ao longo das suas têmporas e pescoço, num tom de salmão onde a luz brilhava através delas e as longas tranças semelhantes a chocalhos do seu cabelo deslizavam secamente ao sabor da brisa.

A lanterna de um Guardião brilhava pendurada na sua cintura, ao lado de uma espada comprida, e ela usava um distintivo na sua túnica azul.

A mulher inclinou a cabeça de uma forma que Viv não conseguiu interpretar a não ser como desdenhosa.

— Uma exibição impressionante de perícia marcial.

Os seus olhos desviaram-se para lá de Viv para o cume da duna, o local onde ela tinha abortado o seu treino de espada.

A pele de Viv eriçou-se com um rubor quente, do tipo que podia passar do embaraço à raiva ao menor sopro. Ela não era tola o suficiente para deixar isso acontecer, não com a lei local, mas também não precisava de ser educada.

— Acho que não há muito mais para onde olhar, não é?

A tapenti fez um sorriso vago e os seus olhos semicerraram-se.

— É uma visão que eu preferia não ver na minha cidade. Gosto de sossego, e meninas a andar com espadas por aí prometem ser barulhentas. Sugiro que mantenhas o teu aço embainhado ou, melhor ainda, no teu quarto. Não há razão para não ficares lá também, na minha opinião.

Viv gaguejou furiosa:

— *Menina*…?

A Guardiã falou por cima dela com brusquidão numa voz que era um sibilo implacável.

— Quando te arrastaram para cá, eu olhei para ti e soube que teria de te vigiar. O *Highlark* com certeza não vai esquecer a tua chegada tão cedo. Se causares o mínimo problema aqui, não hesitarei em atirar-te para uma cela para passares a tua convalescença até os teus… *amigos* aparecerem para te tirarem das minhas mãos.

Viv só conseguiu ficar a olhar para ela com uma fúria muda. A sua mão contraiu-se em direção ao punho do sabre, mas ela controlou o impulso enquanto via os olhos da tapenti seguirem o movimento com um divertimento sombrio.

— Bom dia. — A mulher inclinou a cabeça de modo zombeteiro em direção à estalagem. — E tem cuidado ao subires a colina. Uma queda feia pode prolongar a tua estada e nenhuma de nós quer isso, pois não?

Depois, ela foi-se embora e Viv só pôde ficar a olhar para a rua em direção a O Poleiro, enquanto desejava ardentemente ter algo para esfaquear.

Se Rackam não voltasse em breve, teria de partir e encontrá-lo ela própria, antes que fizesse algo de que se pudesse *mesmo* arrepender.

3



Ainda a ferver por causa do encontro com a Guardiã, Viv considerou O Poleiro com uma renovada falta de entusiasmo. Incapaz de encarar uma caminhada aborrecida e solitária até um quarto aborrecido e vazio pelo resto de um dia aborrecido e sem objetivos, dirigiu-se ao passadiço e à loja ocupada mais próxima.

Quando pousou a muleta em frente dos Livreiros Piolho de Cardo, ouviu um estalido torturante. Viv praguejou quando a madeira apodrecida cedeu sob o peso e quase caiu de pernas para o ar pela segunda vez num quarto de hora, mas conseguiu levantar a muleta antes que esta atravessasse o chão.

Ficou a olhar para a prancha meio desintegrada.

— Merda.

Com a adrenalina ainda a fervilhar pelos seus braços devido ao quase acidente, abriu a porta e cambaleou para a luz fraca da livraria.

O interior cheirava quase exatamente como ela tinha imaginado — a papel velho, bolor e desilusão —, mas com os odores adicionais a cão e… a *galinheiro*. Ela franziu o nariz.

Os livros apinhavam-se numa loja comprida e estreita — espremidos em prateleiras inclinadas, espalhados por cima delas, a baloiçar em pilhas no chão. Alguns volumes pareciam novos, mas a maior parte eram

velhos, com fios errantes a saírem das encadernações de couro ou das espinhas cobertas por pano.

Cartas marítimas e mapas jaziam num amontoado desorganizado numa prateleira baixa por baixo das janelas da frente. Um candeeiro a petróleo com uma chaminé rachada tremeluzia fracamente onde estava montado na parede.

O interior fora construído com as mesmas tábuas que o revestimento exterior. Outrora pintadas de branco, pareciam agora manchadas de chá e a descascar.

Traçando um caminho infeliz através da sala encontrava-se um tapete gasto, coberto de areia salgada e… penas perdidas?

Ao fundo havia uma pequena bancada atarracada, com outra parede de livros empilhados atrás. Parecia estar em risco de desaparecer sob uma avalancha de palavras antigas. Um corredor torto dava para as traseiras e Viv pensou ter ouvido um farfalhar do outro lado da esquina. Um velho fogão a lenha baixo — *também* cheio de livros — encontrava-se à esquerda do corredor. Ninguém parecia estar a tomar conta da loja.

— Pelos Oito, que buraco — disse Viv, franzindo o lábio. Esta tinha sido uma péssima ideia.

Quando Viv se virou desajeitadamente para se ir embora, o seu sabre bateu em três pilhas de livros, que se espalharam numa confusão de páginas e pó. Viv encolheu-se, respirou fundo… e depois duas pilhas contíguas caíram para cima das restantes.

Um *pio* latido estranho ecoou nas traseiras da loja. De repente, um estrondo de patas precedeu o aparecimento de um pequeno animal atarracado que avançou diretamente para ela numa nuvem de penas e pelos. As suas garras prenderam-se ao tapete esfarrapado, amarfanhando-o em corcovas poeirentas por baixo da sua barriga, até ele voltar a disparar para a frente, soando como um cão a ladrar debaixo de água.

Ela não estremeceu quando o bicho parou com uma derrapagem à sua frente, oscilando sobre quatro patas atarracadas, com o seu pelo dourado curto eriçado ao longo da coluna vertebral. A sua cabeça era semelhante à de uma coruja e enorme, com grandes olhos luminosos e

um pequeno bico preto. Umas pontas de pelo e cotos sugeriam umas asas vestigiais. As orelhas caninas triangulares estavam dobradas para trás sobre as penas da sua cabeça, com a fúria justa de um cão de guarda.

Viv pôs a mão no punho do seu sabre, mas, apesar do grasnar agressivo da criatura, não conseguia imaginar que estivesse em grande perigo. A sua surpresa já se estava a transformar num riso incrédulo.

— Oh, *porra*! — gritou uma voz pequena e aguda. — *Carne Assada*, *não*!

Viv olhou para cima, surpreendida com a asneira — uma asneira realmente *sincera* —, mas ficou ainda mais surpreendida com o dono da voz.

Uma pequena ratomem vestida com uma capa vermelha curta correu para a luz, sacudindo um dedo severo para o animal.

— Está tudo bem — disse Viv, transformando o seu riso num sorriso torto. O absurdo da situação tinha apagado os últimos vestígios da sua fúria crua pelo seu encontro com a Guardiã.

— Peço *imensa* desculpa! — exclamou a ratomem enquanto se inclinava para abraçar o seu salvador que vibrava. Depois, viu os volumes tombados e esmoreceu. — Oh, raios partam.

— Sim, peço desculpa por isso. A culpa foi *minha*. — Viv gesticulou para a perna e para a muleta, apesar de não terem sido elas as culpadas. Quase se sentia envergonhada por andar com a espada agora, o que era estranho.

— *Carne Assada*! Vai lá para trás! Vá lá, vai! — sibilou a ratomem. Para surpresa de Viv, a criatura obedeceu, baixando a cauda atarracada enquanto se escondia atrás do balcão. Pôs a cabeça de fora e olhou para Viv com olhos desconfiados do tamanho de toranjas, mas ficou quieto.

Viv começou o laborioso processo de se agachar para ajudar a juntar a confusão de livros.

A ratomem deteve-a.

— Esqueça. — Ela soltou um enorme suspiro. — Não vamos tentar o destino, hum?

Não demorou muito tempo a criar pilhas novas, mais precárias, mas, pelo menos, não estavam espalhadas pelo chão. Enquanto ela o fazia,

Viv endireitou sub-repticiamente a carpete, arrastando uma das pontas com a muleta, o que provocou um rosnado borbulhante ridículo de *Carne Assada*.

— Muito bem. Merda. Estou cheia de calor — disse a ratomem, abanando-se com uma pata. Sacudiu os bigodes e perguntou: — Posso ajudá-la nalguma coisa?

As palavras foram proferidas num tom educado, tão em contraste com a sua linguagem bastante asneirenta que Viv não conseguiu evitar e acabou por soltar uma gargalhada.

— Oh, deuses, peço desculpa — disse ela, tentando sufocar a gargalhada. — É que… todos os ratomens que conheci eram tão sossegados e tímidos e eu pensei…

Os olhos da ratomem estreitaram-se.

— E *eu* pensava que os ogres só *comiam* livros, mas aqui estamos nós.

E, então, Viv perdeu completamente o controlo do seu riso.

Ao fim de um segundo, a ratomem conseguiu também soltar uma ou duas risadinhas, limpando a testa e olhando em volta como se se estivesse a perguntar como raio tinha ido ali parar.

— Fern, a propósito. — E estendeu uma pata em cumprimento.

Viv aceitou a pata, engolindo-a com o seu próprio punho maciço. Tentou, no entanto, ser delicada.

— Viv. Mais uma vez, peço imensa desculpa pela confusão.

Fern fez um gesto indicando que não tinha importância. Mais ou menos.

— Se comprares um livro, está tudo perdoado.

— Hum, bem… Deixei a minha carteira n'O Poleiro… — Ela gesticulou para o seu cinto vazio. Uma desculpa conveniente, já que não tinha intenção de comprar nada.

Mais um grande suspiro de Fern.

— Pelo aspeto dessa perna, não me parece que vás galopar pelas colinas com um romance surripiado, por isso, fica com ele a crédito e volta amanhã. Pode ser assim?

Encurralada.

— Acho que sim. Mas… — ela olhou à sua volta — para ser sincera, não leio muito e não faço ideia do que procurar.

Fern observou-a de alto a baixo, como se estivesse a medir o seu peso em palavras. Bateu no lábio inferior com uma garra, enquanto considerava a espada de Viv e toda a sua… Viv-idade.

— *Dez Elos na Corrente* — disse ela, passando um dedo ao longo das lombadas de alguns dos livros. — É um clássico.

Viv fez uma cara duvidosa.

— Parece… enfadonho.

— É sobre uma fuga da prisão — disse Fern por cima do ombro. — Lutas de espadas. Uma batalha naval noturna. Maldições. Tem um anão com um olho só e uma veia assassina. — Ela olhou para trás e os seus olhos negros brilharam com certeza. — Confia em mim, hum? Ah, aqui está!

Ela tirou um pequeno volume encadernado em pele vermelha e trouxe-o para junto de Viv. Esta pegou nele com relutância. O título estava gravado na capa a ouro e o autor era R. Geneviss. Abrindo-o, Viv olhou duvidosa para as pequenas palavras.

— Tem imagens? — Então, pensou, culpada, na confusão que tinha feito e na madeira podre lá fora. — Não que isso seja importante, acho.

Fern riu-se, um som suave e musical.

— Tem *algumas* xilogravuras. Mas nada de coisas sangrentas.

Viv esboçou um sorriso que esperava que parecesse apreciativo.

— Ah, sim. Claro. De qualquer forma, obrigada por isto. Quanto é que te devo? Para amanhã?

— Não é de uma das impressoras mais recentes, mas com essa encadernação em pele… trinta cobres. — Ela viu a expressão de Viv e suspirou. — Merda. Está bem, para ti, vinte.

— Olha, detesto falar nisto, mas… — Viv contou-lhe sobre a prancha destruída à frente.

A ratomem tapou ambos os olhos com as patas e proferiu vários palavrões surpreendentemente criativos, bem como algumas palavras que Viv tinha *quase* a certeza de serem asneiras, antes de se recompor visivelmente.

— Ainda bem que não te magoaste mais — disse ela com cuidado, como se estivesse a andar na corda bamba depois de um copo de *brandy*. — Amanhã.

Quando Viv saiu pela porta, *Carne Assada* deu um pio triunfante perante a sua retirada.

O nevoeiro surgiu vindo do mar e a erva da praia fervilhava em longas rajadas enquanto Viv cambaleava de volta para O Poleiro. O tempo estava a mudar rapidamente. A perspetiva de encharcar as ligaduras e de manusear a muleta na areia molhada era extremamente desagradável, por isso, Viv acelerou o passo. O ardor na sua axila estava a ficar bastante intenso, no entanto.

As primeiras gotas espalharam moedas escuras pela areia enquanto ela subia os três degraus para O Poleiro e alcançava a segurança do seu alpendre. Apenas alguns segundos depois, o trovão rugiu como batatas a deslizarem por uma tábua de lavar e relâmpagos brilharam através da névoa. Cortinas sinuosas de chuva deslizaram sobre as dunas e o cheiro a areia quente molhada sobrepôs-se a qualquer outro odor.

Quando Viv entrou, a estalagem estava muito mais povoada do que antes.

Duendes-do-mar e humanos com braços musculados e roupas cheias de sal aglomeravam-se à volta das mesas ou demoravam-se no bar, e uma confusão de conversas de convívio enchia a sala. Brand deslizava sem esforço para trás e para a frente atrás do balcão, atendendo a isto e aquilo. Um miúdo meio-elfo de ombros estreitos movia-se por entre as mesas, entregando canecas de cobre ou tigelas de guisado. Alguém estava a acender o lume na lareira e as gotas de chuva sibilavam nos galhos.

Viv estava outra vez a morrer de fome. Uma mesa solitária na parte de trás estava desocupada e ela pensou que poderia estacionar ali confortavelmente. Batendo com a muleta, dirigiu-se a uma cadeira por baixo do crânio de um predador marinho cheio de dentes montado na parede. Suspirando de alívio ao transferir o peso da perna sã para o traseiro, Viv remexeu no cinto da espada e deixou-o cair por baixo da cadeira, mantendo a muleta ao alcance da mão, encostada à parede.

Pousando o livro vermelho sobre a mesa, ela ficou a olhar para ele enquanto esperava que o miúdo se aproximasse. Perguntou-se onde

estariam Rackam e os restantes — Lannis, Tuck, Sinna e Malefico. A montar o acampamento por esta altura, sem dúvida, e a tirar à sorte para o turno de vigia. Ou será que já teriam apanhado Varine? Estariam todos ainda inteiros? Viv mal estivera com os Corvos dois meses e já estava a ficar para trás. Remexeu nas ligaduras e mordeu o lábio, olhando cada vez mais para longe.

— Quer alguma coisa? — Uma voz nervosa trouxe-a de volta a si. Era o rapaz da taberna, com um monte de canecas vazias penduradas nos dedos.

— Duas dessas — disse ela, apontando para as canecas. — E o que quer que toda a gente está a comer… Três disso. — Ela chamou a atenção de Brand, erguendo as sobrancelhas para ele. Ele fez um gesto em resposta. — Avisa o Brand e eu pago amanhã. — Ela deu uma palmadinha na perna magoada.

— Hã, claro.

Quando ele se afastou, ela colocou o *Dez Elos na Corrente* à sua frente e suspirou profundamente. Sentia-se como se estivesse a ceder ao considerar sequer lê-lo. Uma admissão tácita de que era agora um tipo diferente de pessoa. Fraca. Suave. Sonolenta.

Alguém que ficava ociosa e estudava, em vez de lutar e vencer.

Ela virou a primeira página. O capítulo intitulava-se «Em Que Desmembro um Homem». Viv pensou no olhar conhecedor de Fern e soltou uma gargalhada. Com um interesse relutante, começou a ler.

> *Quando lhe disser que fui presa injustamente, talvez sinta alguma simpatia. Contudo, quando também lhe contar algumas das coisas terríveis que fiz, a sua simpatia talvez se esgote. Apenas posso pedir-lhe que me ouça, caro leitor. De facto, porque cortei a cabeça do homem e depois as pernas e os braços e enfiei tudo em três barris de salmoura para sobreviver à viagem, posso parecer um monstro. No entanto, no final da minha história, penso que poderá voltar a considerar-me digna da sua consideração.*
>
> *Além disso.*
>
> *Ele era um sacana.*

Viv continuou a ler depois de as bebidas e a comida terem chegado. Mastigou e bebeu distraidamente, virando página após página, e ficou surpreendida quando reparou que as três tijelas estavam vazias e as canecas esvaziadas. Nem sequer olhou para cima quando o miúdo as levou.

A luz n'O Poleiro diminuiu e, como o seu canto não estava coberto pela explosão de luz e calor da lareira do outro lado da sala, ela pediu uma lanterna para ler. O miúdo acedeu e, apesar da cadeira desconfortável, da dor na perna e do sítio longínquo onde tinha sido abandonada, ela estava absorvida.

Fora transportada.

Estava noutro lugar.